

---

## Mário Faustino e a poesia brasileira

Marcos Henrique Castro Soares de Araujo<sup>1</sup>

879

O poeta é um homem que nasceu, escreveu e morreu. Mário Faustino nasceu no estado do Piauí e viveu por apenas 32 anos. Em 1930, ano de seu nascimento, publicava-se *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; em 1962, ano de sua morte, publicava-se *Noigandres 5* pelos poetas do concretismo. Estas datas e publicações não parecem ter grande significação diante da "Vida toda linguagem" que Faustino escreveu. Ele parece escrever tendo lido toda a poesia mundial de todos os tempos, impressão que Ruy Castro remarca. O gesto de chamá-lo para conversa e debate no Congresso Humanidades tem por objetivo dar a conhecer seu trabalho pouco discutido e tratar de temas relacionados a produção poética, cultura, estética e ética no que concerne a seus textos críticos.

Por cerca de dois anos (1956-58) Faustino dirigiu *Poesia-Experiência*, página do Suplemento Literário do *Jornal do Brasil* dedicada exclusivamente à poesia. Tal empreitada jornalística era ambiciosa por seus próprios objetivos: renovar a poesia brasileira seguindo o lema "Repetir para aprender, criar para renovar", versão de Faustino para o "Make it new" de Ezra Pound, sem dúvida o poeta de quem recebe maior influência crítica e a quem suas dívidas parecem ser as mais elevadas. Trata-se de um caso singular no país, um trabalho com consciência poética a ponto de ter destaque entre as várias publicações intelectuais em voga na época. Faustino preocupava-se com a crise de produção poética no Brasil e na escassez de representantes à altura de uma poesia que fosse além de nacionalismos, repetições e ideologias. Deu apoio crítico ao concretismo considerando-o um verdadeiro

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLit - UnB), com financiamento por bolsa CAPES. Bacharel na área de Letras - Português pela Universidade de Brasília (2014). É membro dos grupos "Escritura: Linguagem e Pensamento" e "Poéticas da Memória", ambos da Universidade de Brasília.

---

acontecimento literário necessário ao desenvolvimento da linguagem no país, mesmo sem aceder à crise de verso que o trio de São Paulo propunha revolucionar com seus poemas-objeto. Poetas modernos e antigos de diversas línguas e nacionalidades eram traduzidos e trazidos à página semanal em diferentes seções<sup>2</sup>, sendo "*Poeta Novo*" a mais valorizada por Faustino, que selecionava semanalmente qual poema representaria o melhor que a poesia brasileira tem a oferecer. Assim, ela se faz e refaz com seus leitores e o Suplemento era o meio de comunicar a quem por ela se interessasse. Além disso, a página revisitava poetas do Brasil que ainda produziam e, por isso, precisavam de um novo olhar microscópico a um conjunto já formado: Cassiano Ricardo, Cecília Meireles e Drummond são exemplos de modernistas que Faustino revisitou após se consolidarem.

Aqui se mostra poesia. Poesia de ontem, de hoje, até aquilo que talvez seja a poesia de amanhã. Mostrando-a, se possível de maneira crítica, demolindo e promovendo, procura-se manter viva a poesia do passado. Exibindo-a, do mesmo modo, procura-se reconhecer a poesia nova (FAUSTINO, 2009, p. 31)<sup>3</sup>.

O método do *exhibit* (o dar a ver, mostrar ao invés de comentar) foi o que fortaleceu e destacou *Poesia-Experiência*. Nem poetas já consolidados e nem os mais jovens poderiam saber o que sairia na próxima edição do jornal; a experiência que hoje se tem dos textos de Faustino em formato de livro, suponho que seja muito diferente do que era entre 1956 e 1958. Ao invés de um "*ABC of Reading*" como o de Pound, Faustino preferiu realizar um acompanhamento da evolução e apresentar ao leitor dedicado e interessado em poesia o que lhe era necessário e até mesmo inacessível por outras fontes no Brasil. A linguagem de *Poesia-Experiência* era didática e acessível, tal

---

<sup>2</sup> Nomes das seções: "o melhor em português", "é preciso conhecer", "clássicos vivos", "pedras de toque", "poeta novo", "subsídios de crítica ou textos e pretextos para discussão", "diálogos de oficina", "fontes e correntes da poesia contemporânea", "evolução da poesia brasileira" e "Personae".

<sup>3</sup> FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

---

como o intuito de seu organizador em espalhar o ofício do verso pelo país de forma que os próprios leitores se sentissem instigados a "*aprender para criar*" (elipse captada por Benedito Nunes a partir de "repetir para aprender, criar para renovar")<sup>4</sup>. . A militância jornalística de Faustino pela renovação da poesia no Brasil e o trabalho rigoroso com o que há de melhor na poesia universal renderam-lhe elogios dos então iniciantes concretistas, dos quais recebeu a alcunha de "primeiro crítico ideogramático do Brasil".

881

*Paideuma*: a ordenação do conhecimento de modo que o próximo homem (ou geração) possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar um mínimo de tempo com itens obsoletos. (POUND, 2006, p. 161)<sup>5</sup>.

Este termo difundido por Ezra Pound introduz minha comunicação no contexto do Congresso para tratar a interculturalidade. Um paideuma em poesia é uma reunião do que melhor se produziu em toda a história de todos os povos e em todas as línguas. Compõem o de Pound poetas como Homero, Safo, Li Tai Po, Catulo, Ovídio, Arnaut Daniel, Dante, Shakespeare, Camões, Villon, Rimbaud. Um objetivo difícil de pelo menos acessar é apenas o ponto de partida de Faustino - o mínimo que se precisa conhecer para que se possa fazer poesia para o presente e o futuro. A tradução de qualidade tem aqui papel fundamental, por dar a conhecer a poesia mundialmente da melhor forma possível em termos de língua.

Como material de linguagem, o poema é necessariamente alterado para que faça sentido e mantenha tanto suas peculiaridades como as da língua a que é traduzido<sup>6</sup>, assim a tradução como recriação ganha espaço e valor em detrimento de uma possível fidelidade ao texto original que se prove ineficaz. Faustino traduz

---

<sup>4</sup> FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 10.

<sup>5</sup> POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

<sup>6</sup> Pound chega a considerar que em certas épocas as melhores obras são traduções. As transcrições dos irmãos Campos são influências de Pound.

---

Mallarmé sem os fundamentais espaçamentos, seu objetivo está mais num dar a conhecer o mais rápido possível que num traduzir e recriar com rigor - tarefas que Augusto, Haroldo de Campos e Decio Pignatari encabeçaram e levaram adiante. A relação de Faustino com os concretistas levantou questões de seu envolvimento com o movimento, ao que respondeu não participar por razões estéticas pessoais. Ele é fascinado pelo paradigma do poema longo, e não crê na falência do verso tanto quanto os concretistas. Ele bebeu das mesmas fontes poéticas que Augusto<sup>7</sup>, Haroldo e Décio, mas a vanguarda concreta apenas não interessava ao Faustino que se encantava pela medida e o tom do *epos*.

882

Em seus "Diálogos de oficina", divididos em três pequenos textos, Faustino simula uma conversa entre dois poetas à guisa de "trocar experiências" de trabalho. Tanto a ação de dialogar quanto a ideia de uma oficina de trabalho poético são caros à produção de Faustino: para ele o poeta participa de um diálogo ininterrupto, sempre é interpelado e sempre deve responder tanto ao passado quanto ao presente; o poeta não é um gênio inspirado, é um artífice, um fazedor e um pensador de seus métodos. Em "Poesia para que?"<sup>8</sup>, primeiro diálogo de oficina, chama atenção o questionamento pelo fim da arte entre poetas. Pensa-se a poesia segundo seu caráter de instrumento de comover, alegrar e ensinar os homens, com fim de viver o poema e mudar de vida<sup>9</sup>. Apesar de o poema precisar de um outro para existir, um leitor, um endereçamento ou mesmo uma errância a fora do si, para Faustino o fazer do poeta também lhe serve para organizar seu caos interior, uma espécie de redenção pelo ofício ante o embate do homem contra o mundo<sup>10</sup>. Questiona-se aí a anterioridade do mundo ante a poesia e o fazer poético desde dentro. Ainda neste texto, o diálogo se encaminha para tratar o valor social da poesia, lemos:

---

<sup>7</sup> Este diz até que Faustino era a única pessoa com quem conseguia conversar sobre Pound.

<sup>8</sup> FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 27-41.

<sup>9</sup> Citação do verso "Precisas mudar de vida", do poema de Rilke "O torso arcaico de Apolo".

<sup>10</sup> A edição alude ao soneto "Agonistes", presente em *O homem e sua hora*.

---

- A poesia, aliás, é incomparável quando registra - com a capacidade condensadora e mnemônica de que só ela é capaz - certas nuances de ponto de vista, de atitude, de sentimento e de pensamento (...).  
- Creio não estar puxando demasiada brasa para minha sardinha, quando formulo julgamento (...) segundo o qual um poemas seria, nesse sentido, um documento psicossocial mais valioso que um trecho de música, um mosaico, uma cerâmica, uma estátua, um quadro, um edifício, um ensaio, etc. (FAUSTINO, 1976, p. 33)<sup>11</sup>.

883

E em algumas falas depois:

- Com a poesia de qualquer povo, longínquo ou vizinho, de qualquer eram recente ou remota. Como documento humano, creio ser a poesia insuperável. Somente isso seria bastante para justificar a sua existência perante a sociedade, sem esquecer aquela sua outra utilidade como que ontológica: a simples beleza, a mera consciência da dignidade da espécie que um poema automaticamente comunica aos homens (FAUSTINO, 1976, p. 34)<sup>12</sup>.

Estas eram, segundo os poetas do diálogo, ações passivas da poesia sobre a sociedade. Em seguida, questionam-se sobre um "agir" da poesia que se dá ativamente. Opõem-se a um ideal de poesia pura afirmando a existência de poemas a serviço da coletividade mesmo que não expresse um sistema ideológico, mas apresente-se como uma poesia de consciência social de forma a criticar valores de época. Neste sentido, o poema deve seguir o caminho da atualidade para poder funcionar e revolucionar a linguagem. Chega-se enfim à discussão ético-estética da poesia: o poema deve ser um bom poema apesar de tudo.

---

<sup>11</sup> FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>12</sup> Idem.

- 
- Quanto a mim, nego terminantemente que um mau poema possa servir seja lá ao que for. E estou pronto, também a reconhecer o bom poema onde quer que ele ocorra. Se meu inimigo faz um bom poema, atribuindo-me os piores epítetos, posso querer partir-lhe a cara, mas não vou, por isso, deixar de considerá-lo um bom poeta.
- De acordo. Um poema é bom ou mau em si. Só pode ser julgado como e enquanto poema, e sempre no nível estético (FAUSTINO, 1976, p. 38)<sup>13</sup>.

Estas considerações em diálogo representam o crivo de Mário Faustino como crítico de poesia. Entende-se a relação entre ética e estética de forma radical: ele crê que um mau poema é um perigo social e um mau poeta é tão ameaçador quanto um mau professor ou um mau médico. Vemos aí que a responsabilidade com o futuro da poesia é, por consequência, uma preocupação com a linguagem como um todo através da comunicação poética. Para Faustino e Pound, o escritor tem uma função social que exerce na e pela linguagem, sem que isso implique um uso necessário da arte como forma de militância política ou ideológica. O primeiro critica a “poesia marxista” de sua época “em serenos e seguros escritórios, com emprego público garantido na Caixa Econômica”, resultando em “maus poetas e maus marxistas, no fundo uns burgueses de Charleville mascarados de agitadores catalães” (FAUSTINO, 1976, p. 214)<sup>14</sup>.

Devido a sua radicalidade como crítico, muitos poetas de sua época o temiam, outros o odiavam. Faustino não era dado a elogios nem aos maiores nomes consagrados de seu tempo. Nem mesmo Drummond escapa de seu crivo, Faustino reconhece sua importância fundamental à poesia da época mas não deixa de acentuar a superioridade de um Jorge de Lima (muito menos importante que Drummond) ou de João Cabral de Melo Neto (que, para Faustino, não existiria sem Drummond). Para Faustino faltam a Drummond qualidades como a Poesia-Criação, reificante como palavra poética vista, ouvida e refletida. Após duras críticas, diz, em contrapartida que

---

<sup>13</sup> FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>14</sup> Idem.

---

"[t]udo isso pouco importa, (...) o que importa é que temos, mesmo nos *50 poemas*, (...) a maior contribuição já feita para o aprofundamento, para a diversificação e o aguçamento da língua portuguesa no Brasil" (FAUSTINO, 2003, p. 215)<sup>15</sup>. Quando questionado sobre as necessidades da poesia brasileira, ante a crise de seu tempo, Faustino é categórico no diagnóstico:

885

Mas afinal, dirá o leitor honesto, de que precisa a poesia brasileira? Precisa de dinheiro. De uma estrutura econômica estável como alicerce. Precisa de que o Brasil seja rico e autoconfiante e independente em todos os sentidos. (...) Precisa contar com uns poetas que leiam grego, com outros perseguidos pela polícia e com uns terceiros que ao mesmo tempo leiam provençal e ameacem a sociedade. Isso sem contar com uns dois ou três cuja poesia realmente consiga levantar o povo (FAUSTINO, 1976, p. 215)<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> \_\_\_\_\_ . *De Anchieta aos concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>16</sup> FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

## Referências

FAUSTINO, Mário. *De Anchieta aos concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *O homem e sua hora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Poesia-experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

